

Disciplina PCA 5043 - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental - PROCAM Justiça Climática, Cidades e Desigualdades Ambientais

Leitura e fichamento bibliográfico (**máximo 4 páginas**).

Arquivo nomeado com o título e ano do texto fichado.

Enviar para pedrotorres@usp.br

Apresentado por: Jhon Jairo Ocampo Cantillo / 31 de agosto 2023

- Título do artigo: **The unbearable heaviness of climate coloniality**

- Autora: Dr. Farhana Sultana.

- Professora do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Escola Maxwell de Cidadania e Assuntos Públicos da Universidade de Syracuse (USA).

- Ela foi membro do corpo docente do Departamento de Geografia do King's College de Londres e pesquisadora visitante da Universidade de Manchester, no Reino Unido.

- Antes de se tornar acadêmica, foi oficial de programa no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para um programa de desenvolvimento ambiental de US\$ 26 milhões em Bangladesh.

- Ela trabalha em áreas como as relações entre natureza e sociedade, ecologia política, justiça climática, governança da água, estudos críticos de desenvolvimento, teorias feministas transnacionais, estudos urbanos críticos, direitos humanos, cidadania, descolonização e sul da Ásia.

- Autora de (2012), *The Right to Water: Politics, Governance and Social Struggles* (Política, Governança e Lutas Sociais). Earthscan Water Text Series, Routledge: Londres e Nova York; (2023) *Whose growth in whose planetary boundaries? Decolonising planetary justice in the Anthropocene*. *Geo: Geography and Environment*, 10, e00128.

- Ideias centrais do artigo

- Governança global climática - COP 26 (pp. 1-2)

- Colonização climática (pp. 3 – 6)

- Descolonização climática (pp. 6-10)

- Disputas epistemológicas para enfrentar as mudanças climáticas (pp. 7-10)

- Colonização epistêmica e discursiva (pp. 7- 10)

- Descolonização epistêmica e pluriverso (pp. 9-10)

- *Metodologia e Teoria utilizada:*

- Autoetnografia para teorizar a colonialidade climática.

- Conclusões da autora:

As estruturas de poder que antes controlavam a maioria dos países do sul global por meio da dominação colonial ou imperial agora estão governando a crise climática a partir de sua perspectiva. Isso se manifesta por meio do fetichismo tecnocientífico, do financiamento do desenvolvimento, da educação e da grande mídia, entre outros.

Assim, a autora propõe entender a colonialidade climática como uma narrativa que dialogue horizontalmente com aqueles que são as principais vítimas dos fenômenos climáticos que foram induzidos pelos seres humanos por meio de modelos extrativistas, racistas e patriarcais, que excluem outras vozes e interpretações desses fenômenos. Um exemplo disso é o uso do antropoceno como um fenômeno que torna toda a humanidade responsável pelas mudanças climáticas, como uma forma de tornar invisível a brutalidade dos períodos coloniais, dos modelos extrativistas e homogeneizadores e do consumo dominantes. É por isso que o conceito de antroppo-obceno é usado para se referir com mais precisão a esse fenômeno.

Assim, as negociações convocadas para solucionar a mudança climática, como as Conferências das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP), apesar das grandes mobilizações de grupos de ativistas, povos indígenas, aqueles que mobilizam lógicas interseccionais e outros, acabam com a impressão de que os atores e instituições hegemônicas dominam os resultados dessas negociações, impedindo a formulação de mudanças drásticas no sistema econômico global.

Entretanto, essa frustração também gera inúmeras ações que se multiplicam pelo mundo, buscando encontrar soluções adaptadas aos ambientes socioculturais, utilizando outros valores e epistemologias que promovem a coletividade, a solidariedade e a empatia. A autora aponta o pluriverso como uma proposta que busca desconstruir a visão eurocêntrica do desenvolvimento e que abre espaços para alternativas baseadas na emancipação e no fortalecimento de culturas historicamente dominadas.

- 3-5 Citações que mais lhe chamaram atenção indicando a página, de preferência relacionadas a ideias centrais/metodologia ou teoria

PROPOSTA CENTRAL DO ARTIGO

EN

Alternative epistemologies and cosmologies emerge from lived experiences that were/are devalued in Eurocentric modernity and climate coloniality. This requires addressing both epistemic violences and material outcomes. By weaving through such mediations, I offer an understanding of climate coloniality that is theorized and grounded in lived experiences. I demonstrate that confronting climate coloniality also involves reconstituting individual and collective memories and consciousness for reconciliation and liberation. Part of this is accounting for the embodied emotional geographies of climate coloniality. (p.3)

PT

Epistemologias e cosmologias alternativas emergem de experiências vividas que foram/são desvalorizadas na modernidade eurocêntrica e na colonialidade climática. Para isso, é necessário abordar tanto as violências epistêmicas e os resultados materiais. Ao tecer essas mediações, ofereço uma compreensão da colonialidade climática que é teorizada e fundamentada em experiências vividas. Demonstro que o enfrentamento da colonialidade climática também envolve a reconstituição de memórias e consciências individuais e coletivas e a consciência para a reconciliação e a liberação. Parte disso é levar em conta as geografias emocionais incorporadas da colonialidade climática. (p.3)

INTERSECCIONALIDADE NA COLONIALIDADE CLIMÁTICA

EN

Local elites and community members can be complicit with maintaining patriarchy, extractivism, exploitation, and capitalism, who have been conditioned to buy into logics and desires of capitalist developmentalism. The confluence of local power imbalances, uneven creation of vulnerabilities and production of risks, end up merging global climate breakdown with scalar intersectional factors from the planetary to the body, thereby creating more complex tapestries of outcomes in different contexts. (p.6)

PT

As elites locais e os membros da comunidade podem ser cúmplices da manutenção do patriarcado, do extrativismo, da exploração e do capitalismo, que foram condicionados a aceitar a lógica e os desejos do desenvolvimentismo capitalista. A confluência de desequilíbrios de poder local, a criação desigual de vulnerabilidades e produção de riscos, acaba mesclando o colapso climático global com fatores intersetoriais escalares, desde o planetários até o corpo, criando assim tapeçarias mais complexas de resultados em diferentes contextos.

DESCOLONIZAR CONHECIMENTO SOBRE O CLIMA

EN

To decolonize climate knowledge and authority, intentional changes are needed in citational politics (cf. Ahmed, 2017) and confronting intellectual impoverishments by lack of accounting for how neoliberal capitalism works in academic knowledge production and who produces what knowledge (cf. Mohanty, 1988). Beyond this, training and education that perpetuate Eurocentric and colonial models of science globally create structural barriers to change. Epistemic violence and colonization of the mind need to be acknowledged and undone across universities, training centers, non-governmental organizations, and state institutions. This is part of disrupting climate coloniality. (p.9)

PT

Para descolonizar conhecimento sobre o clima e autoridade climáticas, são necessárias mudanças intencionais na política de (cf. Ahmed, 2017) e no enfrentamento do empobrecimento intelectual pela falta de explicação de como o capitalismo neoliberal funciona na produção de conhecimento acadêmico e quem produz qual conhecimento (cf. Mohanty, 1988). Além disso, o treinamento e a educação que perpetuam modelos eurocêntricos e coloniais da ciência em nível global criam barreiras estruturais à mudança. A violência epistêmica e a colonização da mente precisam ser reconhecidas e desfeitas em universidades, centros de treinamento, organizações não governamentais e instituições estatais. Isso faz parte de da ruptura da colonialidade climática

